

e para o ramo dos estudos da receção em geral dada a sua originalidade no campo dos estudos plutarquianos, tendo em conta as várias pistas de reflexão e os novos campos de pesquisa que as análises apresentadas desvelam. Os artigos foram inseridos em lógicas coerentes de reflexão em torno dos mecanismos da receção estudados. Embora alguns artigos sejam focalizados sobre a influência em Inglaterra ou na Alemanha, os estudos incidem principalmente sobre a realidade francesa, o que caracteriza a sua especificidade. No entanto, notamos a ausência de uma pequena introdução a estes mesmos capítulos, assim como uma bibliografia no final da obra e de cada artigo, o que constituiria uma contextualização muito valiosa e oportuna. Não obstante, é também de realçar a relevância da apresentação das diferentes perspetivas e dos métodos de pesquisa utilizados, em muitos casos multidisciplinares, partilhados pelos autores. É de louvar, neste sentido, o vasto e complexo trabalho hermenêutico levado a cabo pelos investigadores que perscrutaram a diferentes níveis: literário, ideológico, filosófico e mesmo pedagógico, as marcas da evolução da herança plutarquiana na idade moderna.

Christophe Rico, *Polis: Parler le grec ancien comme une langue vivante*, Cerf, 2009, 295 pp. + CD audio ISBN: 978-2-204-08757-5

EDUARDO MACHADO (*CEC, Universidade de Lisboa/Bolseiro FCT, Portugal e Doutorando da Universidade de Rouen, França*)⁶

Eis um projeto ambicioso e controverso: ensinar o grego antigo como uma língua “viva”, utilizada no quotidiano. Impossível? Não! Christophe Rico, autor deste manual, já aplica ao grego helenístico os métodos de ensino-aprendizagem das línguas modernas desde 1993 na universidade hebraica de Jerusalém com muito sucesso.

Na introdução à obra, que já foi traduzida em alemão e italiano, o autor explica os objetivos e a metodologia utilizada na conceção deste manual. O objetivo parece simples: apresentar um livro de iniciação ao grego *koinê* e preparar o aluno à leitura fluente de textos no original grego sem dicionário, meta que, segundo Christophe Rico, não é atingida por

⁶ macheduardo@gmail.com.

grande parte dos estudantes desta língua considerada difícil. Isto deve-se ao carácter heterógeno dos textos gregos estudados segundo a pedagogia tradicional, tanto a nível da dificuldade dos textos como da variedade dialetal, o que pode constituir um obstáculo muito significativo. A crítica aos métodos rebarbativos e centenários não se faz esperar: a aprendizagem de longas listas de vocabulário e de declinações, a abordagem direta de textos literários e o uso indispensável do dicionário constituem práticas a evitar que não conduzem o aluno a dominar de modo eficaz e duradouro a língua grega.

O método defendido nesta obra encontra-se em nítida contracorrente, baseando-se nas técnicas de ensino-aprendizagem das línguas modernas: exercícios de compreensão-expressão como a composição ou completação de pequenos textos em grego, e possíveis exercícios de pronúncia a partir de um Cd áudio com a leitura da integralidade dos textos do manual. A utilização do Cd áudio é sem dúvida uma ferramenta essencial⁷. Note-se que o autor optou pela pronúncia do início da *koinê* (séculos IV e III a.C.), o que não coincide com a escolha linguística dos textos escritos (século I d.C.), com vista a simplificar a aprendizagem, dado que a pronúncia da *koinê* do século I se distancia progressivamente da grafia.

De um modo geral, as unidades didáticas visam direta ou indiretamente a aquisição de competências como, por exemplo, apresentar-se ou apresentar um amigo em grego, fazer uma ficha de identificação, etc. e gira à volta de temas do quotidiano como o tempo (as horas, dias da semana), o espaço e o movimento etc.. A abordagem das unidades temáticas é assim baseada numa pedagogia por competências e estão divididas em três etapas que permitem a descoberta progressiva dos textos apresentados: 1. Descoberta auditiva do texto (cd áudio); 2. Leitura em voz alta; 3. Leitura silenciosa. Privilegia-se assim o contato direto do aluno com os textos gregos em situação de comunicação oral, remetendo a leitura para segundo plano. Os primeiros capítulos visam o domínio dos rudimentos: alfabeto, acentuação etc., e os últimos capítulos contêm as traduções dos textos,

⁷ As edições Assimil reeditaram recentemente o seu método 'intuitivo' (primeira edição: 2003) que contém 704 páginas de textos e exercícios, 101 lições e 4 cds áudio: Jean-Pierre Guglielmi, *Le Grec Ancien* (2012).

as correções dos exercícios, e um léxico composto por modelos de frases relativas a situações precisas, salientando assim o caráter polissémico de alguns vocábulos gregos.

Christophe Rico justifica a opção pela *koinê* seguindo um critério de coerência e de simplificação. O autor sublinha a significativa longevidade e estabilidade dialetal da *koinê* e aponta para o facto de representar cerca de noventa por cento dos textos gregos da antiguidade, o que legitima a utilização de um único dialeto. A tendência para a simplificação⁸ observada na *koinê* (frases mais curtas, uso mais frequente da coordenação, desaparecimento do dual e o uso menos frequente do optativo etc.) facilita a aprendizagem progressiva que é por vezes negligenciada pelos métodos tradicionais cujos objetivos se centram por vezes no estudo direto de textos literários. Em relação ao vocabulário corrente utilizado na elaboração dos textos, o autor escolheu o século I como ponto de referência e baseou-se num *corpus* de autores composto por Plutarco e Apolónio Díscolo (termos gramaticais) e de textos do Novo Testamento. Naturalmente, alguns neologismos são utilizados e bem identificados por um asterisco. São também apresentadas versões simplificadas de três textos do Novo Testamento.

O autor tenta deste modo encontrar um equilíbrio entre os métodos de ensino-aprendizagem das línguas modernas, baseados em competências linguísticas e culturais, e a necessidade incontornável de estudar e dominar os aspetos gramaticais que lhes são subordinados. Verifica-se também que o estudo sistemático da gramática não é abandonado completamente como por vezes acontece nos novos métodos de aprendizagem das línguas estrangeiras em que o aluno deve memorizar frases inseridas em contextos sociais e culturais precisos sem recurso a explicações gramaticais. Assim, Christophe Rico atribui, por um lado, um valor incontornável aos métodos comunicacionais na organização dos textos, nas cenas e nos diálogos entre as várias personagens apresentadas (o professor, os alunos e até animais...). Por outro lado, não é descurado o estudo da gramática que desempenha neste método um papel essencial na compreensão e sobretudo na prática da

⁸ Vide lista de diferenças entre o grego clássico e o helenístico: *Gramática de Grego: Clássico e Helenístico* (Lisboa 2003) 26-30

reprodução das situações de aprendizagem. Prova disso mesmo são os pequenos elementos gramaticais que acompanham as unidades didáticas.

Falar e escrever grego *koinê* é sem dúvida um objetivo didático arrojado que exige uma prática frequente a nível da conversação oral, o que se torna mais difícil em contexto de utilização individual. Pensamos, portanto, que esta obra está mais vocacionada para uma utilização coletiva onde o objetivo principal passe obrigatoriamente pela oralidade num contexto de interação.

Louvamos esta iniciativa que apresenta elementos bastante originais na sua conceção pedagógica, nomeadamente quanto ao uso do grego *koinê* e se insere num movimento mais alargado de reforma do ensino-aprendizagem das línguas clássicas. Esperamos ansiosamente pela publicação do segundo volume deste método.

Para mais informações e uma melhor compreensão dos métodos pedagógicos utilizados neste manual, visite o site de *Polis* no *Jerusalem Institute of Languages and Humanities*, e visionie alguns vídeos de aulas em grego *koinê* — (<http://www.polisjerusalem.org/>).

Luis Pablo Núñez, *Hacia una flora universal: la botánica y el español como lengua de ciencia*, San Millán de la Cogolla, Cilengua, 2012, 275 pp. ISBN: 978-84-939292-2-0

ANA MARGARIDA BORGES (*Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Portugal*)⁹

Este livro surge na sequência das investigações levadas a cabo pelo autor no âmbito da sua dissertação de doutoramento sobre a lexicografia hispano-francesa dos séculos de Ouro. A presente publicação pretende, através de uma análise panorâmica de carácter comparativo, facultar uma perspetiva do léxico técnico espanhol e francês que aparece nas obras de História Natural durante os séculos XVI e XVII, mostrando o desenvolvimento do espanhol como língua de ciência.

A obra abre com um prólogo da autoria de Ignacio Ahumada e com os capítulos introdutórios intitulados: 1. *La lengua española en los inicios de la ciencia botánica*, onde se tecem breves e importantes considerações sobre o

⁹ amborges@ua.pt.